

Forma e função das construções de tópico-comentário no Jornal Nacional

Lou-Ann Kleppa*

Resumo: Apresentamos, numa perspectiva funcionalista, uma descrição da forma e função de construções de tópico-comentário encontradas em amostras de edições do Jornal Nacional coletadas ao longo de onze anos. Enquanto as funções são cumulativas, as formas são complementares, permitindo as seguintes associações: as funções de separar e predicar se fazem perceptíveis em todos os arranjos sintáticos, ao passo que as funções de *addressation* e *frame-setting* são específicas de anacolutos. Essas funções equivalem a instruções de como interpretar o conteúdo do enunciado, de modo que mais funções acumuladas são mobilizadas à medida em que a integração sintática entre tópico e comentário diminui.

Palavras-chave: Tópico-comentário. Mídia. Forma e função.

Abstract: In a functionalist perspective, we present a description of form and function of topic-comment constructions found in samples collected along eleven years of a traditional TV news program, *Jornal Nacional*. While functions are cumulative, forms are complementary, allowing some connections: the functions of separation and predication apply to all syntactic arrangements; and the functions of addressation and frame-setting are specific of hanging topics. These functions work like instructions to interpret the content of the utterance, therefore more functions are needed as the syntactic integration between topic and comment diminishes.

Keywords: Topic-comment. Media. Form and function.

Zusammenfassung: In dieser Studie beschreiben wir Form und Funktion von Topic-comment Strukturen in einer Stichprobe von *Jornal Nacional* die elf Jahre beträgt von einer Funktionalen Perspektive. Während Funktionen überlappend sind, sind die verschiedenen Formem ausschließend, was folgende Verbindungen erlaubt: die Trennungs und Prädikationsfunktion sind in allen syntaktischen Gebilden erkennbar; und die Adressierung und Rahmenfunktion sind jeweils ausschließlich der hanging topics anwendbar. Diese Funktionen sind Anweisungen wie der Inhalt der Äußerung interpretiert werden soll, deshalb sind mehr Funktionen nötig je weniger topic und comment syntaktisch integriert sind.

Schlüsselwörter: Topic-comment. Medien. Form und Funktion.

* Professora do Departamento de Línguas Vernáculas da Universidade Federal de Rondônia (UNIR).
<https://orcid.org/0000-0003-0317-9440> / E-mail: loukleppa@yahoo.com.



Introdução

A curiosidade intelectual que motivou a pesquisa publicada em Kleppa (2020) foi despertada por um texto apresentado por Castilho, Garcia e Paz de Almeida em um Seminário do GEL (Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo) em 2015, intitulado “A Linguística e a Mídia”, em que os autores tratavam de um projeto implantado na Rede Globo sobre a informalização da escrita jornalística nos seus telejornais. Em 2014, foi desenvolvido um trabalho com jornalistas e repórteres de diferentes jornais (Jornal Hoje, Jornal Nacional) para fazer com que o jornal parecesse mais conversado que lido. Uma das autoras, a “linguista infiltrada na Globo”, desenvolveu um trabalho de descrição dos padrões da oralidade e da escrita, estimulando os jornalistas a escreverem suas matérias de modo que soem mais informais. O objetivo expresso em Kleppa (2020) foi verificar se era possível observar uma mudança no uso de construções de tópico-comentário (bastante comuns na oralidade informal) no Jornal Nacional ao longo do tempo. Para tanto, amostras da extensão aproximada de uma edição do telejornal (45 minutos) publicadas entre 2009 e 2018 foram analisadas.

A hipótese inicial não se confirmou e percebemos então que diferenciar apenas a fala de entrevistados da fala da equipe do Jornal Nacional esconderia uma inovação tecnológica utilizada pelos apresentadores do telejornal: o *teleprompter*. Portanto, em Kleppa (2020), atentamos para a fala de apresentadores (que leem o *teleprompter*), repórteres (que preparam a sua matéria), e, como controle, as pessoas entrevistadas pela equipe jornalística (que falam espontaneamente). Em termos de volume de produção de construções de tópico-comentário, o que se observou foi uma tendência dos entrevistados a produzirem mais construções de tópico-comentário que os repórteres que, por sua vez, produziam mais essas estruturas que os apresentadores. A explicação para tal fato foi a própria situação de diálogo: enquanto o entrevistado está respondendo ao interlocutor, o repórter, treinado em comunicação e que preparou seu texto, está dialogando tanto com o apresentador como com o entrevistado, e o apresentador lê, principalmente, o *teleprompter*.

Outro achado de Kleppa (2020) é que o tipo de construção de tópico-comentário mais usado por cada grupo é diferente: apresentadores usam mais anacolutos (preferencialmente metalinguísticos), repórteres usam mais anacolutos (em que a função do tópico é criar uma moldura conceitual para o comentário) e os entrevistados usam mais o deslocamento à esquerda, em que há o pronome-cópia (a forma mais evidente de construção de tópico-comentário).

No presente estudo, revisitamos o mesmo *corpus*, ampliado em apenas um ano, ou seja, os dados agora compreendem os anos de 2009 a 2019. A novidade deste estudo é que tiramos o foco da diferença entre os enunciadores de construções de tópico-comentário para examinarmos mais de perto as próprias construções de tópico-comentário. Na perspectiva funcionalista, a função é entendida como uma variável independente, que molda a forma (VOTRE, 2020). Neste estudo, exploramos mais atentamente a relação entre forma e função das construções de tópico-comentário coletadas em trechos do Jornal Nacional.

Materiais e métodos: construção do *corpus*

Foram analisados trechos do Jornal Nacional em que há presença de estruturas de tópico-comentário entre 2009 e 2019¹. Para cada ano, foram coletadas amostras de 45 minutos de duração. Diferenciamos a fala dos apresentadores (JNa: sentados na bancada) da fala dos repórteres (JNr: neste grupo entram também os especialistas: Galvão Bueno e a apresentadora do clima/tempo, por exemplo). Há casos em que a mesma pessoa assume diferentes posições: por exemplo, no dia em que Fátima Bernardes se despede da bancada, são apresentados trechos em que ela atua como repórter (então sua fala é classificada como JNr). Por fim, os entrevistados (E) são tratados como se formassem um bloco, apesar desse bloco ser composto por especialistas, juristas, ministros e pessoas do povo.

¹ Em Kleppa (2020), a fonte dos dados ainda é descrita em detalhes: Globoplay/ link no Youtube.

Foram desconsiderados anúncios de notícias como *A seguir* ou *Daqui a pouco* e todas as manchetes enunciadas no início do Jornal, porque não tivemos acesso a edições integrais desde 2009.

Os números de ocorrências registradas estão na Tabela 1:

Tabela 1: Resultado de ocorrências de tópico-comentário no *corpus*

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019
[Na	0	3	1	1	0	0	0	1	0	0	1
JNr	0	0	3	0	1	5	2	3	0	1	0
E	2	7	1	0	2	3	2	0	4	1	6

Fonte: Adaptado de Kleppa (2020).

Tópico-comentário: formas e funções

Eunice Pontes (1987) foi a primeira autora a sistematizar as construções de tópico-comentário em língua portuguesa e reunir todos os seus artigos publicados sobre o tema em um livro. Aos poucos, outros linguistas passaram a se interessar pelo fenômeno e descrever essa unidade formada por duas partes: Abreu (2003), Perini (2006), Belford (2006), Orsini e colegas (2003, 2007, 2011, 2015), Kleppa (2014, 2018, 2019a), Berlinck, Duarte e Oliveira (2017), Ventura (2018) e Ventura, Maia e Guesser (2018):

A partir da classificação tipológica das línguas naturais feita por Li & Thompson (1976), formaram-se opiniões distintas por parte dos estudiosos do PB. De um lado, desenvolvem-se estudos que consideram o PB como uma língua orientada para a sentença (cf. DUARTE, 1996; KENEDY, 2002, 2014), cuja ordem predominante dos constituintes se dá por Sujeito – Predicado, como é o caso do Inglês e do Português europeu (PE). Em contrapartida, estudos defendem que o PB deva ser caracterizado como uma língua orientada para o discurso (cf. NEGRÃO, 1990; GALVES, 2001; ORSINI, 2003; KATO, 2006), como o Mandarim, cuja ordem predominante ocorre por tópico-comentário. Uma caracterização mista da língua, isto é, considerando que tanto a ordem sujeito-predicado quanto a ordem tópico-comentário são predominantes no PB, também vem

sendo considerada (cf. PONTES, 1987; ORSINI e VASCO, 2007; BERLICK, DUARTE & OLIVEIRA, 2015). (VENTURA, 2018, p. 112).

A maior parte dos estudos em língua portuguesa que toma por objeto as construções de tópico-comentário concentra-se nas diferentes formas de apresentação destas construções, priorizando a análise sintática. Em construções de tópico-comentário prototípicas, tem-se a seguinte configuração: um tópico (um sintagma) na margem esquerda e um comentário (que pode ser desde um sintagma nominal a uma sentença completa no formato SVO + adjuntos) em seguida. O que caracteriza a construção é a separação formal (seja por meio de pausas, curva entonacional ou sinais de pontuação) e conceitual entre o tópico e o comentário.

Estudos de orientação funcionalista assumem a indissociabilidade entre forma e função: “Partimos da premissa de que construções gramaticais emergem para suprir novas necessidades discursivas e passam a suprir lacunas nos paradigmas gramaticais e no universo dos conceitos mais abstratos.” (ROSÁRIO, 2015, p. 36). Chafe introduziu em 1976 o conceito de empacotamento de informação (*information packaging*), que foi aplicado às construções de tópico-comentário e foco, dentre outras. “[Os falantes] oferecem ao ouvinte instruções detalhadas sobre como manipular e integrar essa informação de acordo com suas crenças acerca do conhecimento do ouvinte e seu estado de atenção.” (HENDRIKS, 1996, p. 75, tradução nossa²).

Traduzindo, nas construções de tópico-comentário, o falante fornece ao ouvinte dois pacotes de informação separados – que o interlocutor precisa conjugar e interpretar. Nessa tarefa, o linguista funcionalista descreve tanto a função do tópico em relação ao comentário (em termos semântico-discursivo-cognitivos), quanto a forma do tópico em relação ao comentário (os graus de integração sintática, já que se assume que tópico-comentário é uma única construção).

Para Jacobs (2001), as funções das diferentes construções de tópico-comentário são: separação informacional, predicação, *adressation* (*aboutness*) e *frame-setting*. A

² No original: “[Speakers] provide a hearer with detailed instructions on how to manipulate and integrate this information according to their beliefs about the hearer’s knowledge and attentional state.”

separação conceitual entre tópico e comentário é, para Jacobs (2001), a única função presente em todos os diferentes arranjos sintáticos de tópico-comentário. Neste sentido, *informational separation* é característica de todas as construções de tópico-comentário: o processamento da sentença se dá em dois passos – primeiro se interpreta o tópico, depois o comentário. A função da predicação é mais relevante em arranjos sintáticos em que um elemento do comentário é topicalizado (com ou sem pronome-cópia), porque a lógica da predicação é subvertida em relação à ordem SVO: o falante dá destaque a um elemento ao topicalizá-lo. No entanto, podemos assumir que a predicação está também presente nos arranjos sintáticos em que duas informações são justapostas: o interlocutor interpreta que uma diz respeito à outra. As duas outras funções, de *addressation* e *frame-setting* são relações (referência individual no caso de *addressation* e moldura conceitual no caso de *frame-setting*) que o tópico estabelece com o comentário quando o tópico não faz parte da grade argumental do verbo expresso no comentário, mas é justaposto ao comentário.

Os graus de integração sintática do tópico com o comentário são variáveis. Num extremo de nenhuma integração sintática, a relação entre o tópico e o comentário precisa ser feita pelo ouvinte pela via semântica ou discursiva. Nestes casos, o tópico expressa uma espécie de “paisagem mental” que acomoda o conteúdo do comentário.

Num grau de maior integração sintática, observa-se que um argumento do verbo expresso no comentário figura na posição de tópico. Para analistas gerativistas, trata-se de movimento de um elemento da estrutura SVO (o comentário) para a posição de tópico. Quando o objeto direto é topicalizado, deixando vago o seu lugar na sentença do comentário (*O Pedro, nem os irmãos não aguentam*), Perini (2006) usa a categoria descritiva de *tópico sentencial*. Neste caso, o tópico poderia ser movido de volta para a posição de objeto direto (*Nem os irmãos não aguentam o Pedro*). Contudo, quando o objeto direto é topicalizado e um pronome ocupa o seu lugar, essa reversão não é mais possível (*O Pedro, nem os irmãos não aguentam ele* > **Nem os irmãos não aguentam ele o Pedro*). Quando o objeto indireto é topicalizado, a regência se perde (*Banana? Eu gosto muito*); e, quando o sujeito é topicalizado, movido para fora da sentença, a sentença SVO gera um novo pronome no lugar do sujeito (*O João, ele viajou*).

Note-se que, no caso de anacoluto, em que não há relação sintática entre o tópico e o comentário, não há movimento sintático, mas um planejamento da sentença diferenciado em que são oferecidas ao interlocutor duas informações justapostas – que precisam ser conjugadas pelo interlocutor.

Levando em consideração os graus de integração entre o tópico e comentário, autores como Orsini e Vasco (2007) e Berlinck, Duarte e Oliveira (2017) diferenciam (pelo menos) quatro tipos de construções tópico-comentário: anacoluto (sem integração sintática), topicalização (o objeto direto é topicalizado), deslocamento à esquerda (o sujeito ou o objeto direto é topicalizado e surge um pronome-cópia em sua posição no comentário) e tópico-sujeito. Berlinck, Duarte e Oliveira (2017) ainda tratam do antitópico (também chamado, por outros autores, de pós-tópico). Adotaremos as três primeiras categorias para seguir na investigação das construções de tópico-comentário em amostras do Jornal Nacional, porque não encontramos no *corpus* ocorrências que pudessem ser alocadas na quarta categoria, nem ocorrências de antitópico.

Em construções de tópico-comentário, a estruturação da informação ganha maior destaque que o conteúdo informacional. Jacobs (2001) afirma que construções de tópico-comentário podem ser tão diversas quanto à sua função que talvez não faça mais sentido tratar de tópico-comentário, como uma categoria, mas tratar de cada uma de suas dimensões: “Não existe uma noção funcional única subjacente a todas as construções de tópico-comentário nas línguas naturais” (JACOBS, 2001, p. 643, tradução nossa³). Neste texto, o autor aponta para quatro funções possíveis (e cumulativas) nas estruturas que ele chama de *free topic* (equivalente ao anacoluto), *I-topicalization* (equivalente à topicalização) e *left-dislocation* (equivalente ao deslocamento à esquerda com pronome-cópia).

Partindo do pressuposto de que as funções podem ser cumulativas, ao passo que as formas são complementarmente opostas, analisaremos cada uma destas categorias a partir de sua forma sintática (por ser a mais estudada). Os exemplos que ilustram cada categoria são do *corpus* coletado para o presente trabalho. Ao final do dado, indicamos

³ No original: “There is no unitary functional notion underlying all TC constructions in natural languages.”

sua procedência e data: E está para Entrevistado, JNa para apresentador do JN e JNr para repórter do JN. Em *itálico*, está o tópico e sublinhado está o comentário.

Anacoluto: relacionar duas unidades justapostas

Também chamado de tópico pendente (*hanging topic*), formalmente não apresenta integração sintática entre o tópico e o comentário. Exemplos:

(1) *Uma coisa dessa, tá louco! Se não tem, não tem ... Deus que me perdoe.* (E, 04/07/2014)

(2) *Olha esse mapa aqui. Praticamente de São Paulo, Mato Grosso do Sul pra cima as temperaturas máximas estão bem mais altas que o normal. Isso aqui esse mês. Onde tá vermelho, tá pior, olha.* (JNa, 25/11/2015)

Os dados são de situações reais de fala, de uso da linguagem; e foram transcritos usando como recurso os sinais de pontuação – mas a própria transcrição poderia ser diferente: *Uma coisa dessa? Tá louco!* ou ainda *Uma coisa dessa: tá louco!* Esse fato nos diz algo sobre os recursos da oralidade e da escrita, a representação da oralidade na escrita e sobre o sistema de sinais de pontuação que, por ser um sistema, implica em escolhas e valores. A questão é que há uma separação formal entre o tópico e o comentário feita através da prosódia na oralidade ou de sinais de pontuação (quaisquer que sejam) na escrita, mas, ao mesmo tempo, não há dúvida de que a construção de tópico-comentário forma uma unidade.

Para Jacobs (2001), a relação semântica que o tópico estabelece com o comentário nos anacolutos pode ser de *addressation* (*aboutness*) ou *frame-setting*. No caso de *addressation*, é estabelecido um quadro de referência individual, em que o tópico funciona como um dêitico. No exemplo (2), a especialista do clima/tempo usa o pronome resumptivo *isso* combinado com o advérbio de lugar (*aqui*) apontando para o mapa e enuncia uma previsão (*esse mês*). Neste sentido, o “endereço mental” que o tópico ativa precisa ser identificável para o par falante – ouvinte:

(3) *Essa situação pra lá e pra cá, eu acho que quem perde é o Estado.* Eu acho que não precisava nada disso. (E, 06/04/2018)

Em (3), a situação de disputa é tomada como referente individual que precisa ser recuperado quando o entrevistado anuncia que *quem perde é o Estado*. Se houvesse uma preposição (com/em) introduzindo o sintagma *essa situação pra lá e pra cá*, não estaríamos diante de uma construção de tópico-comentário, mas de uma sentença regular em que o adjunto é deslocado de sua posição canônica (final) e separado do núcleo SVO por vírgula. A vírgula marca ordem de palavras (KLEPPA, 2019b) – a propósito, uma das funções dos sinais de pontuação é demarcar fronteiras de constituintes, por isso se prestam a separar tópico de comentário.

Frame-setting é a função de moldura, domínio semântico que o tópico assume para acomodar o conteúdo informacional contido no comentário. Exemplos:

(4) A diferença não é barreira. A diferença é que integra. *Como um quebra-cabeça: as peças precisam ser diferentes pra encaixar.* (E, 25/11/2015)

(5) *Avenida Maracanã, cinco da tarde.* Lembra que eu falei que ia encher? Encheu. (JNr, 07/08/2016)

Quebra-cabeça em (4) é a moldura que precisa ser recuperada quando o entrevistado fala de *peças que encaixam*. Do mesmo modo, *Avenida Maracanã, cinco da tarde*, em (5), é o cenário que o repórter toma como referência para anunciar que encheu de gente.

Na análise das relações semântico-discursivas estabelecidas entre o tópico e o comentário em anacolutos, surgiu uma nova categoria, que denominamos de metalinguística (KLEPPA, 2020). Nesses casos, o falante anuncia (através de um tópico) que fará uma pergunta, ou que dará um exemplo, uma dica, etc.

Tabela 2: Qualificação dos anacolutos

	<i>addressation</i>	<i>frame-setting</i>	metalinguístico
JNa	0	2 (SN)	3 (SN)
JNr	3 (SN)	7 (4 SN, 3 SA)	1 (SN)

E	3 (SN)	5 (2 SN, 1 SP, 1 SA, 1 SV)	1 (SP)
---	--------	-------------------------------	--------

Fonte: Elaborado pela autora.

Examinando a Tabela 2, confirmamos que a relação de *addressation* (*aboutness*) se dá através de referentes individuais, expressos através de SN. Jacobs (2001), que analisa dados em alemão, afirma que “[...] advérbios de probabilidade e outros modificadores de sentença não servem como sujeitos semânticos” (2001, p. 667, tradução nossa⁴), ou seja, não se prestam a estabelecer a relação de *addressation*. A variedade de tipos de sintagmas aumenta conforme aumenta o universo de tópicos, assumindo as funções de *frame-setting*. Qualquer elemento linguístico – exceto um SV em que o verbo esteja flexionado – pode figurar como tópico.

Seguem exemplos de SP, SA e SV na posição de tópico:

(6) *Por exemplo. A concessão que eu fiz ... da Ayrton Senna.* (E, 12/08/2010)

(7) *Primeiro. O crime de ameaça existe quando essa ameaça é real, efetiva.* O simples fato de você postar coisas na internet não necessariamente reflete, né, o desejo de realizar aquele tipo de atividade. (E, 16/04/2019)

(8) *Observe: que que eles tão pedindo?* É tão pouco. Não tem nada que seja absurdo, são pleitos extremamente justos. (E, 16/04/2019)

Os dados mostram que, na função de apresentador, lendo o *teleprompter*, William Bonner, o principal apresentador do JN entre 2009 e 2019, não produz construções de tópico-comentário. Essas construções emergem em sua fala quando o editor-chefe do JN se coloca na posição de repórter (por exemplo em Santa Maria, na frente da boate Kiss) ou entrevistador (por exemplo enquanto apresentador, diante dos candidatos a presidente em 2010).

Os anacolutos a seguir igualmente surgiram em condições dialógicas (o apresentador olha para o entrevistado, não para o *teleprompter*). Anacolutos

⁴ No original: “[...] adverbials of probability and other sentence modifiers cannot serve as semantic subjects.”

metalinguísticos, como os chamamos, apareceram na fala de William Bonner enquanto entrevistava o candidato José Serra e a apresentadora Patrícia Poeta:

(9) *Pergunta: o senhor pretende levar para o Brasil inteiro este modelo de concessão de estradas estaduais de São Paulo?* (JNa, 12/08/2010)

(10) *Pergunta. Resposta sincera, Patrícia: tá nervosa?* (JNa, 05/12/2011)

Como os tópicos são os mesmos nas duas ocorrências, pode ser que se trate de uma característica da fala deste apresentador. O que muda é a transcrição: os sinais de pontuação buscam acompanhar a prosódia. O dado a seguir, também um anacoluto metalinguístico, foi produzido enquanto a apresentadora (Renata Vasconcelos) olhava para a câmera, ou seja, é possível que estivesse lendo o *teleprompter*:

(11) *Uma dica importante, hein: na loja de aplicativos/na sua loja de aplicativo, você pode atualizar o Globoplay pra ter acesso à área olímpica.* (JNa, 07/08/2016)

É de se notar que as poucas construções de tópico-comentário detectadas no *corpus* na fala dos apresentadores do telejornal mais tradicional do Brasil provavelmente não estavam registradas no *teleprompter*.

Topicalização: dar destaque a um elemento

Neste arranjo sintático, observa-se uma vinculação sintática entre tópico e comentário, já que o tópico estabelece relação argumental com o verbo do comentário. Para Jacobs (2001), a topicalização necessariamente leva o ouvinte a reconstruir a sentença semanticamente. No exemplo a seguir (único dado de topicalização encontrado no *corpus*), a incorporação do elemento topicalizado na sentença seguinte é perfeitamente possível: *Muita gente já tentou botar Messi na roda, mas até agora, o resultado foi esse.*

(12) *Botar Messi na roda. Muita gente já tentou, mas até agora, o resultado foi esse* ((imagem de Messi comemorando gol)) (JNr, 04/07/2014)

Nas topicalizações, identificamos a separação informacional, característica inerente a todas as construções de tópico-comentário. Ademais, Jacobs (2001) destaca a predicação como característica de construções em que há movimento. O autor nota que o acento sentencial recai tanto sobre o tópico como sobre o comentário – assim como seria no caso de sujeito e predicado – e que há uma relação de predicação semântica entre tópico e comentário: o comentário se torna predicado do tópico. Assim, é possível equiparar o tópico ao tema (informação discursivamente recuperável pelo contexto ou cotexto: seja informação dada antes, seja conhecimento compartilhado) e o comentário ao rema (informação nova). Uma maneira gráfica de diferenciar tópico de comentário seria usando dois pontos (*Gostei: aula boa/ Hoje: sintaxe*), já que, para Dahlet (2006) que teoriza sobre os sinais de pontuação, a função de dois pontos é distribuir tema e rema à esquerda e à direita do sinal.

Deslocamento à esquerda: dar destaque e repetir

Em construções desse tipo, a reversão para a sentença SVO é impossível por causa do duplo sujeito/objeto. O tópico e o pronome que ocupa a posição de sujeito/objeto na sentença são co-referentes.

Os exemplos (13) e (14) foram enunciados em sequência pela mesma pessoa. Note-se que, na segunda ocorrência, o enunciador encaixa uma descrição entre o tópico e o comentário, reforçando a ruptura entre tópico e comentário, o que, por questões de memória, explicaria a necessidade do pronome-cópia ocupando a posição de sujeito do comentário:

(13) *A convenção de Haia, ela tem exceções.*

(14) *O colega que prolatou uma decisão douda*, eu reconheço que é uma decisão muito bem fundamentada, de oitenta e duas folhas, ele mitigou, minimizou, né, a manifestação da vontade de Shawn. (E, 03/06/2009)

(15) Eu quero te dizer o seguinte: *a minha relação política com o presidente Lula*, eu tenho imenso orgulho dela. (E, 11/08/2010)

Já no exemplo (15), temos um objeto direto ocupando a posição de tópico e um pronome-cópia ocupando a posição de objeto na sentença SVO. Novamente a distância entre os elementos da predicação poderia ser usada como explicação para a necessidade do preenchimento do lugar vago por um pronome-cópia. No entanto, a maior parte das ocorrências de deslocamento à esquerda encontradas no *corpus* é como (13), em que não há material linguístico entre o tópico e o pronome que retoma o tópico, o que reforça a relevância das funções de separação e predicação: o enunciador dá destaque ao que é topicalizado.

Conclusão

As construções de tópico-comentário se mostram bastante complexas quando examinadas em sua forma e função. Neste estudo, descrevemos três arranjos sintáticos diferentes (anacoluto, topicalização e deslocamento à esquerda) que exercem funções variadas (separação, predicação, *addressation* e *frame-setting*). A função de separar envolve a função de predicar: os elementos formalmente separados são cognitivamente conjugados através da predicação: o comentário é sobre o tópico. Essas duas funções são, portanto, de fundo: se fazem presentes em todos os arranjos sintáticos de construções de tópico-comentário e são as menos específicas acerca da interpretação do enunciado.

Se partimos do pressuposto de que a função determina a forma, a função de destacar um elemento através da ordem em que aparece no enunciado está tanto na topicalização (em que a integração sintática entre tópico e comentário é suficiente para a interpretação do enunciado) quanto no deslocamento à esquerda (em que o tópico é duplicado através de pronome-cópia). Separar da ordem direta e predicar em outra

ordem é a função que se percebe nos arranjos sintáticos em que o tópico faz parte da grade argumental do verbo expresso no comentário. O que o interlocutor percebe é o destaque que o falante deu a um elemento.

As funções de *addressation* e *frame-setting* – em que o interlocutor adota ou uma ou outra estratégia semântico-discursiva para relacionar as duas partes que formam a construção – se aplicam à única construção que não dá pistas sintáticas acerca de como deve ser interpretada. No anacoluto, não há integração sintática entre tópico e comentário: as duas unidades estão justapostas, formalmente separadas e precisam ser interpretadas pela via da referência individual ou da moldura geral.

Assumindo o pareamento entre forma e função, podemos dizer que as funções (separação, predicação, *addressation* e *frame-setting*) equivalem à instruções de como interpretar o conteúdo do enunciado, de modo que mais funções acumuladas são mobilizadas à medida em que a integração sintática entre tópico e comentário diminui. Assim, construções topicalizadas ou de deslocamento à esquerda acumulam apenas duas funções (separação e predicação), enquanto o anacoluto acumula três (separação, predicação e *addressation* ou separação, predicação e *frame-setting*).

Referências

ABREU, A. S. **Gramática mínima**: para o domínio da língua padrão. Cotia: Ateliê Editorial, 2003.

BELFORD, Elaine de Moraes. **Topicalização de objetos e deslocamento de sujeitos na fala carioca**: um estudo sociolinguístico. 2006. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, UFRJ, Rio de Janeiro.

BERLINCK, Rosane de Andrade; DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia; OLIVEIRA, Marilza de. Predicação. In: KATO, M.; NASCIMENTO, M. (orgs.). **A construção da sentença** – Gramática do português culto falado no Brasil, vol. 2. São Paulo: Contexto, 2017, p. 81-149.

CASTILHO, Ataliba Teixeira de; GARCIA, Maria Teresa; PAZ DE ALMEIDA, Valéria. A Linguística e a mídia. **Texto apresentado no 61º Seminário do GEL, 2015**. Disponível

em <https://docplayer.com.br/52856632-A-linguistica-e-a-midia.html>. Acesso em 20/02/2018.

DAHLET, Véronique. **As (man)obras da pontuação**: usos e significações. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

HENDRIKS, Herman. Information packaging: from cards to boxes. In: Teresa Galloway and Justin Spence (eds.), **SALT VI**, 1996, p. 75-92.

JACOBS, Joachim. The dimensions of topic-comment. **Linguistics**, 39, p. 641 – 681, 2001.

KLEPPA, Lou-Ann. Estruturas de tópico-comentário na fala reduzida de um sujeito afásico. **Revista Estudos Linguísticos**, v. 43, n. 2, p. 926 – 939, 2014.

KLEPPA, Lou-Ann. Telegramas e “fala telegráfica”. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, V. 47, n. 2, p. 557 – 572, 2018.

KLEPPA, Lou-Ann. Estilo reduzido na escrita de surdos. **Anais do II Seminário do Grupo de Pesquisa Conectivos e Conexão de Orações**, vol. 1, n. 2. Niterói: Letras da UFF, 2019a, p. 226 – 245.

KLEPPA, Lou-Ann. **Onze sinais em jogo**. Campinas: Editora Unicamp, 2019b.

KLEPPA, Lou-Ann. Construções de tópico-comentário no Jornal Nacional. **Cadernos de Linguística**, vol. 1, n. 2, p. 1-18, 2020.

MORAES, João Antônio; ORSINI, Monica Tavares. Análise prosódica das construções de tópico no português do Brasil: estudo preliminar. **Letras de Hoje**, v. 38, n. 4, p. 261-272, 2003.

ORSINI, Mônica Tavares; DE PAULA, Mayara Nicolau. As construções de deslocamento à esquerda de sujeito nas falas culta e popular: um estudo de tendência. **Investigações**, Recife (UFPE), v. 24, p. 237 – 258, 2011.

ORSINI, Mônica Tavares; MOURÃO, Isabela de Campos. Sujeitos deslocados à esquerda em gêneros textuais orais e escritos no Português Brasileiro. **Estudos Linguísticos**, São Paulo, vol. 44, n. 1, p. 401 – 4013, 2015.

ORSINI, Mônica Tavares; VASCO, Sérgio Leitão. Português do Brasil: língua de tópico e de sujeito. **Diadorim**, v. 2, p. 83 – 98, 2007.

PERINI, Mário A. **Princípios de Linguística descritiva**. São Paulo: Parábola, 2006.

PONTES, E. **O tópico no português do Brasil**. Campinas: Editora Pontes, 1987.

ROSÁRIO, Ivo da Costa do. Gramática, gramaticalização, construções e integração oracional: algumas reflexões. In: OLIVEIRA, Mariangela Rios de; ROSÁRIO, Ivo da Costa

de (orgs.) **Linguística centrada no uso**: Teoria e método. Rio de Janeiro: Lamparina/FAPERJ, 2015, p. 36 – 48.

VENTURA, Lorrane da Silva Neves Medeiros. O processamento das construções de tópico estilo-chinês no português do Brasil. **Linguística Rio**, v. 4, 2018, p. 112 – 114.

VENTURA, Lorrane S. N. M.; MAIA, Marcus A. R.; GUESSER, Simone L. Estudo de rastreamento ocular sobre o estatuto sintático da categoria vazia na topicalização à esquerda sem retomada explícita no PB. *ReVel*, v. 16, n. 30, p. 108 – 126, 2018.

VOTRE, Sebastião Josué. Mecanismos funcionais do uso da língua – 30 anos depois. Palestra proferida no ABRALIN ao vivo em 14 de julho de 2020. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=QlddPLP4AXw&t=3323s> Acesso: 13/11/2021.

Recebido em 22/09/2021.

Aprovado em 22/02/2022.